

Um estudo sobre a violência contra a mulher a partir de narrativas de réus julgados no Juizado da Violência Doméstica da comarca de Pelotas-RS (2011-2018)

Elisiane Medeiros Chaves, Universidade Federal de Pelotas¹

Resumo

Este artigo diz respeito a uma pesquisa que foi realizada junto ao Mestrado em História da Universidade Federal de Pelotas, entre os anos de 2016 e 2018, cujo tema é a violência contra a mulher nos dias atuais, a qual ainda é bastante frequente mesmo diante do fato de que a sociedade não a tolera mais e que existem leis que a proíbem e que punem os agressores. A metodologia utilizada foi a História oral temática e foram entrevistados 18 réus que estavam sendo julgados pelo Juizado da Violência Doméstica da Comarca de Pelotas, a fim de buscar conhecer suas versões sobre as situações de violência que os envolviam. O artigo é sobre a parte da dissertação referente à análise realizada a partir das entrevistas que foram produzidas com os réus, nas quais eles falaram sobre diferentes assuntos, tais como violência, machismo, culpa da mulher, álcool, depressão, a não aceitação da separação, entre outros.

Palavras-chave: Violência contra mulher, gênero, masculinidades.

Abstract

This article is about a research that was carried out between 2016 and 2018, as a result of the Masters in History of the Federal University of Pelotas., It goes on the violence against women nowadays, which is still quite frequent even if society does not tolerate it anymore, and there are laws prohibiting it and punishing aggressors. The methodology used was thematic Oral History, interviewing 18 defendants who were being tried by the Domestic Violence Court of the county of Pelotas, in order to know their versions about the situations of violence that involved them. The article consists of part of the dissertation on the analysis made about the interviews done with the defendants, in which they spoke about different subjects, such as violence, machismo, woman's guilt, alcohol, depression, not acceptance of separation, among others.

Keywords: Violence against women, genre, masculinities.

Introdução

O presente artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado em História, a qual foi realizada junto à Universidade Federal de Pelotas e defendida em abril de 2018. O tema do estudo versa sobre a violência contra a mulher e tem por título “[...] eu quebrei a pau, chutei, arroxeei os dois olhos, eu gostava tanto dela, não era pra ter feito aquilo comigo”: narrativas de réus julgados por violência doméstica na comarca de Pelotas-RS (2011-2018). A partir da metodologia da História oral, entrevistei 18 réus de ações penais que tramitavam no Juizado da Violência Doméstica (com a autorização prévia do juiz responsável), na comarca de

¹ Possui graduação em História pela Universidade Federal de Pelotas (2015). Mestrado pela Universidade Federal de Pelotas (2018). A dissertação foi orientada pela professora Dra. Lorena Almeida Gill, associada da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, com a finalidade de conhecer e analisar suas visões em relação a gênero e sobre as situações de violência que aconteceram entre eles e as suas companheiras. As análises realizadas dizem respeito unicamente a relacionamentos conjugais oficiais e de união estável.

Todos os réus eram atendidos pela Defensoria Pública do Estado, tendo sido uma escolha minha fazer o trabalho apenas com esses indivíduos, entretanto, é necessário deixar bem claro que a violência contra a mulher ocorre de forma difusa na sociedade, ou seja, ela ocorre em todas as classes sociais. Os crimes sob os quais foram denunciados eram lesões corporais, cárcere privado e ameaças. Coletei informações nos processos judiciais de cada indivíduo que entrevistei e como as ações penais tramitavam sob sigilo processual (segredo de justiça), utilizei o anonimato e identifiquei os réus com nomes fictícios, não sendo possível, portanto, especificar dados referentes aos réus e nem aos seus respectivos processos.

Em relação ao recorte temporal, o estudo é relacionado à História do Tempo Presente, já que foram analisados processos contemporâneos à realização da pesquisa e também porque convivi, no mesmo período histórico, com os autores das falas que foram produzidas nas entrevistas. O período trabalhado é compreendido entre 2011, em vista de que havia nos processos judiciais, inquéritos policiais que datavam desse ano, e 2018 porque na data da defesa da dissertação, ainda havia uma ação penal em andamento. Delgado e Ferreira (2013) entendem que o tempo presente se refere a um passado atual ou em permanente processo de atualização.

Para realizar o trabalho de interpretação das narrativas, estabeleci alguns elementos significativos que nelas observei (nessa tarefa também utilizei dados dos processos judiciais). Informo que o capítulo da dissertação é mais amplo e que as análises que seguem no presente artigo são um recorte do mesmo.

Eu não fiz nada – a culpa foi dela

Observei que, com certa frequência nas narrativas, a maioria dos réus negou as acusações e ainda demonstravam indignação por serem considerados criminosos e estarem sendo processados. Também houve aqueles que até admitiram que foram violentos, mas alegaram que agiram em resposta a atitudes ou a agressões anteriores feitas pelas companheiras. Ou seja, segundo eles, a culpa pela existência de atos de violência e posteriormente de ações penais, prisões e separações, era das vítimas.

Ademir negou veementemente ser uma pessoa violenta, disse que apenas se defendeu no dia do episódio que o fez ser preso, no qual o cunhado da vítima (marido da irmã dela)

interferiu na briga e depois os dois foram para a delegacia inventar mentiras sobre o réu.

Ademir culpabilizou a esposa e ainda se vitimou, dizendo apenas que:

[...] nós se demos bem, não brigamos nem nada [...] a briga foi com ele, ela foi apartar, mas aí ele agarrou e pegou e levou ela na delegacia e inventaram um monte de coisa. Eu não briguei com ninguém [...] não sou violento com ninguém, só me defendi.

Iago era muito ciumento e chegava ao ponto de ofender moralmente a companheira. Ela optou pela separação, mas ele passou a persegui-la continuando com as ofensas. Para **Iago**, foram as atitudes dela que motivaram o comportamento dele, afinal ela tinha que se dar ao respeito:

[...] realmente eu fui nela, fui conversar com ela, só que até então eu não sabia que tinha protetiva [...] eu fui atrás dela tenta conversar [...] ela ficou com medo de mim [...] foi por problema só de ciúme um do outro, não havia confiança por parte dela e não havia confiança por parte de mim. Deu problema de eu ver coisas dela, de falar com outro homem, mas não falou comigo, eu acho que foi traição nesse caso.

Renato até admitiu que era violento, mas justificou que só agia assim para se defender, porque segundo ele, as brigas partiam sempre da ex companheira, a qual inclusive já tinha lhe causado graves lesões:

[...] no início, foi uma companheira muito boa no primeiro ano, antes de eu pegar caminhão, depois que eu comecei a viajar ela começou a se sentir liberta, sozinha, e eu chegava de viagem e ela só queria brigar, queria discutir e sempre me agrediu, me deu uma facada aqui na testa, tentou furar meu olho, me deu uma na barriga.

Ele também disse que: “[...] sempre quem saiu lesado fui eu, nunca encostei um dedo nela, se tu puxa o processo, puxa nossos nomes ali, vai vê varias passagens de ameaça, tudo ameaça minha, tudo verbal, nunca encostei um dedo nela, só ameaça verbal”.

Para **Renato**, as ameaças de morte que ele fazia não eram para serem levadas a sério, afinal não passavam de palavras que ele verbalizava. Para ele, a violência real era cometida pela ex-companheira que era quem de fato agredia e causava lesões ao corpo dele, sem que ele merecesse, afinal trabalhava e sustentava a casa e devia ser digno do respeito que ela não demonstrava ter por ele.

Jorge alegou que a ex-companheira sempre brigava com ele porque queria se impor dentro da casa que era dela e que ele somente se defendia. Considera que xingar não é uma forma de violência:

[...] nunca, nunca, nunca, posso até falar, xingar ela em palavras, ficar brabo em palavras [...] mas de pega e agredir ela nunca, só se ela viesse me agredir, me dá um soco, aí vô eu pega e empurra ela, mas pega e eu agredir ela, nunca na minha vida.

Artur narrou que perseguiu e ameaçou matar a ex-namorada porque ela o traiu, ou seja, para ele, também foi ela a causadora do que ele fez:

[...] ela era minha bonequinha, bonita, nova, bem mais nova do que eu [...] moro um ano comigo, já tinha envolvido sentimento, eu era ciumento [...] tava tudo normal até a mãe dela aparece e ela começa a sair [...] ela dava banda com as amiguinhas, aí eu fiquei sabendo duma traição, [...] fiquei louco, não agredi ela por pouco, porque realmente eu tava gostando tanto dela, tinha vontade até de mata, sinceramente. [...] Qual é a pessoa traída que não tem vontade de agredir na hora? Ainda mais se tiver envolvido sentimento.

Artur também relatou sobre um relacionamento que teve quando era menor de idade, no qual agrediu a ex namorada por suspeitar que ela o tivesse traído, sendo que nesse caso, ele não ameaçou, mas efetivamente agrediu fisicamente a vítima e também justificou que bateu porque ela fez algo errado, segundo o julgamento dele:

[...] quando eu era menor eu tinha uma namorada, ela me traiu eu quebrei ela a pau, tive dois processos em cima de mim [...] ah, tá louco, eu era doente por aquela guria [...] ela foi pra um baile pra fora, ela e uma amiga dela, aí eu me chapei, fiquei louco [...] fui pra lancheria comecei a tomar. [...] No momento que ela chegou, deu, quebrei a pau, ali eu quebrei a pau, chutei, arroxeei os dois olhos, eu gostava tanto dela, não era pra ter feito aquilo comigo, ali eu perdi a razão [...] não sei se ela ficou com alguém ou não [...] bati até na amiga dela, bati nas duas. [...] Bati duas vezes nela, uma vez por ciúmes, outra por traição. Uma traição acho que é a pior coisa que tem no mundo.

A parte sublinhada na narrativa de **Artur** é a que compõe o título da dissertação e foi escolhida, por conter tanto uma agressão brutal à vítima, quanto por conter uma declaração de que o réu gostava dela e mesmo assim a agrediu porque ela lhe “deu motivo”, o que observei que, de uma maneira geral, faz parte das narrativas da maioria dos réus que bateram nas vítimas porque, segundo eles próprios, elas fizeram algo que eles não gostaram.

Com base nas narrativas apresentadas foi possível observar que há autores de violência que pensam que perseguir, xingar e ameaçar não são atos violentos, ou que ao menos não são formas graves. Talvez essa possa ser uma maneira de relativizarem seus atos, minimizando-os, seja porque nisso realmente acreditam ou porque têm vergonha de admitir que são abusadores.

A negativa em reconhecer seus crimes também pode ser atribuída ao desconhecimento, ao descaso ou a uma interpretação errônea da Lei Maria da Penha, uma vez que a legislação é bem clara ao definir que esses atos também são uma forma de violência, qual seja, a psicológica, e que a mesma é passível de condenação.

Muito embora a lei sirva como instrumento para puni-los, muitos homens podem ter dificuldades para responsabilizarem a si próprios e por isso negam que agiram violentamente contra uma mulher, especialmente porque apesar da violência masculina já ter sido aceita socialmente, atualmente, ela não é mais. Socialmente fica difícil para um homem expressar que ainda comete esses atos, embora intimamente ou até mesmo em determinados grupos de convívio, possa se vangloriar disso.

Os réus, além de não considerarem seus atos abusivos, ainda enxergavam como mais grave, em comparação com suas atitudes, a agressividade das companheiras, as quais, nas suas versões, eram as que realmente cometiam violência por baterem neles. Penso que nesses casos, o importante é que as denúncias foram feitas pelas mulheres, pois mesmo nos casos em que eles alegaram ter apenas se defendido, não levaram em consideração que a força física masculina nos seus momentos de defesa era capaz de causar lesões, pois geralmente é superior a feminina. E se levaram em consideração, ainda assim abusaram da força.

Segundo Lagarde (2005), o abuso acontece porque as mulheres são mais vulneráveis frente aos homens, existindo uma desigualdade entre os atos violentos que envolvem ambos, porque elas não estão preparadas nem física nem emocionalmente para embates, estando eles em vantagem, pois até culturalmente são mais preparados.

Rifiotis (2014) aborda sobre uma configuração de sujeitos que tentam se dignificar perante a Justiça para sair da categoria de acusados, aspirando a inocência e assim evitar serem responsabilizados por seus atos culpando outros, exceto a si mesmos, através de um discurso vitimatório. Nas narrativas dos réus foi constante esse tipo de argumentação no sentido de culpabilizar as mulheres e tirar deles próprios, ao menos a responsabilidade do primeiro ato violento, ou seja, só agiram depois que elas fizeram algo a eles, tanto no sentido de não querer atendê-los em suas vontades ou em defesa de uma agressão física.

O contexto de violência que fazia parte da relação

Constantes brigas no dia-a-dia entre os casais também fizeram parte das narrativas dos réus. Percebi que foram construídas relações marcadas por discussões e agressões, muitas vezes mútuas, nas quais a tolerância não predominava. Em razão, provavelmente dessa

convivência rotineira difícil, alguns se separaram, pois uma das partes ou até mesmo ambas, não viam mais como continuar juntas.

Pedro admitiu que era violento mas justificou que agia assim porque tinha depressão. Ele não culpou a esposa, a não ser no sentido de que às vezes ela tinha atitudes que o desagradavam:

[...] tô fazendo tratamento, eu fiquei internado numa clínica, eu tava com depressão e mais motivo de nervosismo [...] às vezes a esposa falava uma coisa que não me agradava, aí parece que eu me perdia né? Eu não sei, sistema nervoso, ficava agitado e aí me perdia e aí discutia e discutia e eu dava um empurrão nela [...] cheguei a machucar, não foi grave, mas não precisava ter feito [...] ela deixou até aquele ponto que depois ela viu que a coisa ia se agrava e podia leva à morte.

Wilson relatou que aconteciam brigas, admitiu que não tinha um bom comportamento nem em casa e nem na rua e que costumava beber:

[...] andava perturbado, nós nos separamos e ela andava assim bem livre e eu queria tá perto das crianças e não podia. [...] Eu sei que eu andava errado e acho que por isso que acontecia essas coisa sabe [...] eu bebia, eu fumava, ela não gostava. [...] Eu tentei mudar eu acho e acabei ficando meio louco. [...] Chegou um dia não deu mais, ficava perturbado, na rua também arrumava confusão, duas vezes mesmo quase fui preso, outras duas vezes levei dois tiros.

No dia da entrevista de **Fábio**, ele estava sendo processado por ter ameaçado sua ex-enteadada, mas ele contou que tinha tido experiências anteriores de violência doméstica com a falecida esposa, que são os fatos analisados neste trabalho. **Fábio** se tornou cadeirante por ter levado um tiro pelas costas de um cunhado e a esposa ficou cuidando dele até ela falecer (por causas naturais), embora mantivessem uma convivência conflituosa:

A minha falecida mulher brigava muito comigo, muito ciúme ela tinha de mim [...] ela brigava de soco, eu ensinei ela, foi a pior coisa que eu fiz foi ensinar, depois ela brigava de soco comigo e ela era grande, era forte [...] ela me denunciava porque a força do homem é bem superior do que a mulher, então quando eu agarrava ela ficava braba, o único jeito dela me prejudicar era ir na delegacia dá parte, aí a polícia vinha me levava.

Jorge narrou que a ex-mulher era quem mais brigava, pois a casa era dela e ela queria mandar em tudo:

[...] ela sempre se botou em mim, ela sempre, sempre se botou em mim, aquilo ali que ela falou era verdade, ao menos uma coisa ela falou de verdade (se referindo ao depoimento da vítima na audiência). Ela achava que só porque a casa era dela ela tinha que mandar [...] só porque a casa é dela

vai pisar em cima de mim? Por isso que a gente sempre bateu de frente, a gente nunca deu certo por causa disso, mais por isso.

Marco também tinha problemas com álcool e o ambiente familiar seguidamente se tornava espaço para discussões:

Discussão tinha, têm palavras que doem mais que um tapa no rosto. [...] Vai acumulando né? Tudo que é demais enjoa [...] a gente discutia, eu retrucava, ainda mais bêbado, em palavras a gente ofende, eu dizia muita bobagem [...] ameaçar jamais, nem jamais vou fazer, mãe da minha filha [...] machuca não, mas arreda pro lado. [...] Discussão tinha, atirava os troços pra rua, quebrava as coisas e ia pra rua, o troço foi esfriando.

Para **Jairo**, o casal costumava se tratar com muita violência, tendo ambos, sofrido com esses comportamentos durante o tempo que mantiveram o casamento de doze anos:

[...] essas brigas tinham arranhão, eu agarrava ela, ela me unhava, uma vez até fui pra delegacia todo unhado, era bem cruel [...] eu me arrependo mil vezes da gente ter brigado, de eu ter batido nela [...] ela batia, uma vez ela se botou de relho em mim, ela era muito louca e eu também era muito revoltado e sou ainda. [...] Realmente ela sofreu muito na minha mão, eu também sofri muito com ela.

Afonso falou abertamente sobre o relacionamento extremamente tenso que manteve com a ex companheira, marcado por vários episódios agressivos entre os dois:

[...] às vezes eram só quatro brigas na semana, eu tenho problema nesse ouvido, ela me cravo uma faca aqui. [...] Umass quantas vezes me deu vontade de bater nela, ela me falava muitas coisas que me irritavam, ou fazia. Um dia eu me irritei, ela veio babando com uma faca, aí eu dei um tapão, virei ela do avesso. Com a M... não precisa pegar faca, só um tapa que a gente dá nela, ela já respeita já.

Para **Afonso**, as brigas aconteciam porque ele considerava que a mulher era bipolar, tinha um comportamento inconstante e provocador em relação a ele:

[...] a mulher é bipolar, uma mulher que se omite pra dormir com o pai dos filhos dela numa cama, dorme do lado, às vezes fica uma semana, duas semanas sem toma banho pra não ficar com o cara, ela faz isso aí só pra não ficar comigo, pra não ter relação comigo e não vou andar com (pausa), já comeste bacalhau cru? O peixe bacalhau é nojento né? Fazer sexo com uma mulher que ficava uma semana sem tomar banho, Deus me livre [...] ela fazia de propósito, ah eu não tomo banho mesmo pra não ficar contigo mesmo [...] eu brigava [...] é isso aí, a mulher diz pra mim que vai me chifrar, não toma banho uma semana pra não ficar comigo, pô isso aí vai minando a mente da gente sabia... vai minando. Eu ruim pra ela não sou.

A partir das narrativas que apresentei, num primeiro momento abordo o fato de que muito embora os tipos de violência cometidos contra as mulheres nos dias atuais possam até ser os mesmos de tempos atrás, as causas certamente não devem ser as mesmas, levando em conta as diversas transformações sociais que aconteceram com o passar dos anos. A história dá conta de que sempre existiram mulheres contestadoras da sua posição dentro da sociedade, vale lembrar Olympe de Gouges, ativista que escreveu a Declaração dos direitos da mulher e da cidadã, durante a Revolução Francesa, bem como as sufragistas que lutaram pelo direito ao voto feminino no final do século XIX, entre outros exemplos. Entretanto, é possível afirmar que boa parte das mulheres não costumava lutar para sair de casa e trabalhar, não acabavam relações ao serem traídas, dificilmente levantavam a voz para seus companheiros e a maioria aceitava agressões mais passivamente, pois esses eram os comportamentos sociais que aprenderam que cabia a elas. Além disso, dificilmente faziam denúncias, pois não tinham para si uma proteção legal. Hoje várias questões mudaram e elas, muitas vezes, já não são mais tolerantes como um dia foram com a violência.

Penso que essas alterações sociais e econômicas atingiram profundamente a vida das mulheres, principalmente a partir dos movimentos feministas que reivindicavam direitos para a sua categoria social. E, paralelamente, mudaram a vida dos homens, mas sem a participação e menos ainda sem a vontade de muitos deles. Acredito que aqueles que não aceitam essas mudanças, assim o fazem porque antes eram privilegiados com o silêncio e a passividade feminina.

A partir disso, é possível pensar que os novos comportamentos das mulheres se refletem diretamente dentro dos relacionamentos e das famílias, afetando os laços de afeto e de convivência entre seus entes, já que hoje elas podem discutir na mesma altura que os homens e se impor como antes não podiam. Por ser assim, não seria errado afirmar que os conflitos que ocorrem entre diversos casais resultam dessas mudanças, afinal muitos homens não as aceitam e não admitem que as mulheres se imponham e que façam as mesmas coisas que antes só a eles cabiam, tais como sustentar uma família, ter um salário maior, sair na hora que quer sem dar satisfação, entre outras.

Para Schraiber, et al. (2005, p. 75) a violência que atinge o sexo feminino tem um nexos causal direto com as transformações dos padrões femininos:

Partimos da hipótese de que a violência entre homens e mulheres reflete rupturas ou fissuras nos tradicionais padrões culturais de base patriarcal presentes na maioria das sociedades. Esses padrões culturais patriarcais correspondem, grosso modo, ao controle e domínio da mulher pelo homem,

a partir do maior poder que as sociedades conferem aos homens. O exercício cotidiano desse poder é fortemente exercido no interior da casa e da família. A violência seria, assim, um dos possíveis resultados das profundas mudanças que se processaram nas últimas décadas nos atributos da mulher na sociedade e na família.

Foi possível observar nas narrativas a existência de dinâmicas construídas com base em conflitos gerados por ciúme, busca por respeito, brigas que começavam por razões banais e que se agravavam resultando em lesões, algumas vezes em ambos. O que ficou acentuado é que nem todas as vítimas ficavam passivas, pois tanto batiam quanto xingavam, demonstrando que viviam relações pautadas por agressividades, e nos moldes atuais, no qual mulheres reagem, ainda que continuem sendo elas as que sofrem as consequências mais graves em seus corpos, como geralmente acontece.

A dificuldade em estabelecer harmonia dentro de casa é uma realidade de muitas famílias, mesmo quando não há violência. E esta geralmente acontece quando as pessoas não conseguem gerenciar as contrariedades que surgem. Utilizando os estudos de Gregori (1993), é possível considerar que nos relacionamentos dos réus a comunicação entre os indivíduos se dava, muitas vezes, através da violência, ou seja, ainda que de maneira perversa e fazendo mal um ao outro, essa foi a forma de convívio que conseguiram estabelecer entre si para tentar resolver seus problemas. Evidente é, porém, que as mulheres foram as que mais sofreram abusos, chegando no limite da violência suportada ao denunciarem os réus.

Pedro e Renato contaram que sofriam de depressão e faziam tratamento médico. Consta nos processos de ambos, informações dando conta de que já estiveram internados em razão da doença, sendo que **Pedro** atribuiu à enfermidade seu descontrole em relação à esposa. A depressão é um problema de saúde mental que pode incapacitar a pessoa a viver a vida normalmente e segundo a Organização Pan Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde, o novo relatório global lançado pela OMS, em fevereiro de 2017, aponta que há 332 milhões de pessoas no mundo vivendo com o transtorno, sendo a maioria, mulheres.

Quanto ao fato da depressão de alguma forma influenciar atos violentos, para Tavares e Almeida (2010, p. 549):

A impulsividade e os transtornos emocionais, muitas vezes, acompanham atos violentos, sendo que indivíduos com diagnóstico progressivo de transtorno de ansiedade e depressão são considerados de três a quatro vezes mais propensos a apresentar comportamento violento, do que aqueles sem distúrbios.

Evidentemente, o fato dos réus (e outros tantos indivíduos) apresentarem a doença e possivelmente estarem descontrolados emocionalmente quando agiram violentamente, não os isenta da responsabilidade penal, ainda que não tenham culpa de serem doentes. Além de terem que arcar com as consequências legais de seus atos, o indicado seria que eles se submetessem ao tratamento médico devido, a fim de evitar reincidências, melhorar e salvar as próprias vidas.

Já **Wilson, Marco** e **Afonso** relataram serem usuários de bebidas alcoólicas e que em certas ocasiões em que brigaram com as companheiras, tinham bebido, conforme eles mesmos reconheceram. A esposa de **Ademir** contou na delegacia que ele bebia.

O álcool no organismo é capaz de gerar mudanças de comportamento facilitando a prática da violência caso o indivíduo se envolva em uma situação em que ele não consegue se controlar adequadamente, o que normalmente não aconteceria se ele não estivesse sob o uso da substância.

No sentido referido, conforme o estudo empreendido por Madureira et al. (2014, p. 605): “O álcool é um fator que tende a antecipar e agravar a violência, porém, não pode ser considerado como sua causa primária. Assim, homens que violentam mulheres não podem justificar seus atos unicamente pelo uso do álcool e/ou drogas”.

Na pesquisa realizada pelo DataSenado, de junho de 2017, consta que 24% das mulheres entrevistadas mencionaram o uso de álcool como fator que induziu a agressão, 19% mencionaram as brigas ou discussões e 16% apontaram o ciúme.

Reflico ainda no sentido de que não se pode simplesmente aceitar a desculpa de que o problema foi causado pela bebida e de que se estivesse sóbrio o homem não teria batido, porque isso significa tolerar a violência cometida ao se colocar a culpa na bebida e não no indivíduo que bebe e agride. Tal fato se torna mais perigoso ainda para a mulher e os familiares ao se considerar o alcoólatra crônico, pois ele pode significar várias reincidências de agressões, o que geralmente acontece. Se o homem não tem comportamento violento quando não bebe e só agride quando alcoolizado, é preciso procurar ajuda para tratar a doença a fim de evitar o contexto de confrontos dentro de casa. Claro que é preciso considerar que a solução não é assim tão simples, ao contrário, mas ela é possível.

Eu não aceitava a separação - eu gostava dela

Alguns réus disseram que bateram ou que costumavam brigar com suas companheiras, mesmo gostando delas. Também foi relatado que apesar dos desentendimentos que

aconteciam entre os casais, eles não queriam ter se separado e alguns demonstraram a intenção de que queriam recomeçar os relacionamentos. Também houve relatos sobre brigas ocorridas justamente após a separação, já que eles não aceitavam essa situação.

A título de colaboração na análise dessas narrativas, utilizo o artigo de Saffioti (1997), “Violência, a lógica do galinheiro”, no qual a autora faz uma interessante comparação entre os galos e os homens. Hierarquicamente apenas um galo domina um galinheiro com dez galinhas e se entrar outro galo no terreno, ambos vão brigar até um morrer. Se os dois sobreviverem, cada um fica com um espaço do terreno e dividem as galinhas. Se uma galinha fugir, o galo não irá atrás dela, ela deixará de fazer parte daquele espaço e ele perde o domínio sobre ela. A autora compara o galinheiro com um harém para um homem com várias mulheres, no qual ele também não admite um invasor masculino, porém, se uma mulher se separar dele, ele não se conforma com a perda do seu objeto de domínio e a persegue, ameaça e até a mata. Saffioti explica que a diferença é que a sociedade construiu essa cultura simbólica de dominação masculina, o que não ocorre nas sociedades animais que não têm essa capacidade.

Os comportamentos dos réus podem, em alguma medida, ser comparados com a associação feita por Saffioti.

Iago admitiu que procurava a companheira após a separação, segundo ele, para conversar, mas ela no seu depoimento na delegacia disse que era perseguida e ameaçada, tendo que sair de casa com os pais dela para poder ir trabalhar. Ainda assim ele invadiu seu local de trabalho pulando um muro, desrespeitando uma medida protetiva e foi preso. **Iago** foi extremamente insistente na sua tentativa de continuar a relação, não lhe importava o fato de que a vítima não queria mais se vincular a ele: “[...] realmente eu fui nela, fui conversar com ela, só que até então eu não sabia que tinha protetiva [...] eu fui atrás dela tenta conversar”.

Até mesmo preso **Iago** continuava importunando-a, pois lhe mandava mensagens de um celular de dentro do presídio, tendo ela que fazer uma ocorrência na delegacia a esse respeito.

Artur reconheceu as ameaças que fez na tentativa de que a ex-namorada voltasse para ele, afinal gostava tanto dela: “[...] Eu fui atrás dela na mãe dela dizendo que ia mata todo mundo [...] ah eu gostava tanto dela, eu chorava depois, bah chorava de noite, chorava que nem uma criança tinha vontade de ir lá pegar ela a força, trazer pra casa”.

E em relação à ex-namorada na qual bateu enquanto ele era menor de idade, é possível perceber a situação de sentir como se ela lhe pertencesse, quando disse que ela saiu sozinha, o que ele não aceitou já que poderia ter sido traído, conforme já expus anteriormente.

Artur disse que gostava das duas ex-namoradas, ainda assim bateu e ameaçou. Parecia pensar que podia fazer o que quisesse, afinal, para ele, elas lhe pertenciam, agia como se fosse dono delas. O fim do último relacionamento o fez chorar e queria forçar a volta da ex-companheira para a casa dele, simplesmente não admitindo ser deixado por uma mulher. Pelos seus relatos, provavelmente, na sua ótica, estava perdendo o controle da relação que tinha com cada uma, o que o tornava inseguro e impotente diante delas, de si próprio e da sociedade, já que o seu papel de comandante e o poder que tinha sobre elas estavam em risco e ele não conseguia exercê-los como aprendeu que deveria. **Artur** lançava mão de violências para tentar se manter no domínio. Não podia aceitar que uma mulher, e não ele, terminasse tudo entre os dois.

Jorge brigava constantemente com a ex-companheira porque, segundo ele, ela não o respeitava já que o imóvel onde moravam era dela. Ele não aceitava não ser o dono do território e não poder dar as ordens e brigava por isso, afinal esse é o papel do homem numa relação, e ele era a figura masculina da casa. Na entrevista ele admitiu que não queria ter se separado e a procurava para tentar reatar, até que em mais uma briga que aconteceu na casa da mãe dela, ele se descontrolou, pois ela não lhe dava ouvidos e acabou esfaqueando-a: “[...] Me separar eu nunca quis, não vou mentir”.

Jairo ficou um ano tentando reatar a relação, mesmo a ex-companheira já tendo outra pessoa na vida dela. Disse que sofreu muito com a separação e que “desabou” quando ela o deixou, afinal gostava dela, muito embora reconhecesse que desde o início do casamento, de doze anos, eles brigassem muito e que um fazia mal para o outro. Ela cansou de viver assim e seguiu em frente, porém, ele não aceitou ter sido deixado de lado e tentou reaver seu objeto de domínio, até encarar a realidade de que ela não o queria mais em sua vida.

Alberto foi o único que não relatou ter cometido atos físicos violentos contra a ex-esposa. Ele foi processado por persegui-la e ameaçar matá-la, pois estava transtornado com a separação, após quinze anos de casamento. Para ele, não havia razões para ela querer se separar, afinal estava tudo bem dentro de casa, não passavam necessidades, ele era um bom marido, bom pai, honesto e trabalhador, o que mais ela poderia querer? Ele não aceitava ou não percebia que o fato dela simplesmente não gostar mais dele e não se sentir feliz na relação bastava para ela se separar. Ela não precisava da autorização dele. A rejeição lhe fez tanto mal que ele tentou se matar com o uso de remédios. Alberto se sentia ferido em seu orgulho masculino, ainda com o agravante de pensar em como um homem tão bom podia ter sido

abandonado? E ele se viu, como tantos outros homens, tentando reaver a “sua mulher”, o seu objeto, à força.

[...] ela passou 15 dias na casa da mãe dela e disse que terminou, tá tudo terminado [...] fugiu o chão, comecei a chorar, fui embora pra casa, me desesperei né? Aí o que que eu fiz? Tomei remédio pra tentar me matar, ainda bem que Deus disse não é a tua hora, não faz essa bobagem, passei quase um mês no hospital. Sai de lá meio atordoado. [...] Eu fiquei um ano tentando voltar [...] ela fez 19 ocorrências contra mim.

A manifestação do desejo de dar fim a uma vida repleta de dias conflituosos, ou da decisão de terminar uma relação que já não satisfaz ou ainda um término em consequência de uma agressão, são muitas vezes razões que ensejam separações por parte de muitas mulheres e que podem ser verificados nos casos analisados neste trabalho. Entretanto, nem sempre essa vontade delas é levada em conta e o inconformismo masculino pode levar a novas violências, mesmo sob a alegação de que agiram motivados por sentimentos afetivos.

Quando um homem decide se separar dificilmente a mulher consegue fazê-lo voltar atrás e não costuma agir forçando-o a ficar. É muito raro se ouvir notícias a respeito de um homem ser espancado, perseguido, ameaçado ou assassinado porque a parceira não aceitou o fim da relação. Embora existam mulheres que sofrem e lamentam, às vezes por anos uma separação, elas geralmente não agem como se fossem donas dos homens e aceitam mais pacificamente. Entretanto, muito se ouve falar em homens que perseguem e ou matam por se sentirem rejeitados pelas mulheres que não querem mais manter relações com eles, movidos pela lógica masculina, que faz parte de uma construção cultural, de que elas não têm esse direito. Para Saffioti (1992, p. 193): “[...] não basta que um dos gêneros conheça e pratique as atribuições que lhe são conferidas pela sociedade; é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades-direitos do outro gênero.”

No caso dos réus (e de outros homens também) é evidente que apesar dos sentimentos que alegaram ter, não respeitaram as vontades das companheiras quando elas quiseram terminar as relações e iam atrás delas tentando coagi-las a continuar com eles, perpetrando violências tanto físicas quanto verbais para conseguir seu intento. Passaram do amor para o abuso por não conseguirem administrar seus sentimentos e controlar seus impulsos agressivos, violando o espaço das mulheres.

Machismo e sua reprodução na educação das filhas e dos filhos

Absolutamente todos os réus entrevistados expuseram ideias machistas a respeito das mulheres e a maioria deles considerava as mesmas adequadas para a forma como pensavam educar suas filhas e filhos.

Iago disse em relação à criação da filha que: “[...] eu já penso que ela tem que agir como menina, como mulher [...] ela tem que ser aquela menina meiga, carinhosa, comportada, saber se comportar, saber falar, não falar palavrão”.

E sobre o comportamento de uma mulher ele pensava assim: “Ela tem que saber respeitar a si própria porque hoje em dia a gente não vê mais as mulheres nem se respeitar, depois querem respeito. [...] A mulher se expõe demais”.

Renato pensava sobre uma menina que namora mais de um menino que: “[...] A menina é uma desleixada”. Já em relação ao menino ele disse que: “[...] não tem problema, faz parte da cultura, tenho um monte de amigo que tem um monte de mulher, que é solteiro, não tem compromisso com mulher, mas tem 10”.

Jarbas em relação à criação de filhos disse que:

Se eu tivesse uma filha eu ia ser muito ciumento, porque eu nunca fui santo no caso, ia ser muito ciumento, ia cobrar muita coisa dela, principalmente no caso de namorado, o cara ia sofrer comigo [...] eu já fui muito sem vergonha na minha vida, não sou santo até hoje [...] eu ia tentar segurar, eu não vou te mentir, eu sempre quis ter primeiro um guri, e depois uma guria, mas o guri pra me ajudar a cuidar da guria (risos) [...] pra ele ir em cima dela e não deixar ela namorar [...] e ele, aí vem um pouco de machismo, ele ia ser mais liberado.

Fábio, que é cadeirante, mandou embora de sua casa a vassouradas um menino que foi lhe pedir para namorar sua filha, a qual, com a autorização dele só iria namorar aos 21 anos, diferentemente dos seus filhos:

[...] ela tem 16, namora só com 21 [...] eu vou no colégio, eu cuido. [...] Se ela pedir pra namorar: briga, foi um lá pedir pra namorar e eu dei uma paulada, peguei o cabo de vassoura e dei uma paulada, acertei, te arranca daqui. [...] Minha filha só com 21, é pro bem dela.

Jorge falou a respeito do comportamento feminino que:

[...] antes tinha mais respeito, eu acho que a mulher se dava mais respeito em tudo. Tu ia numa festa antes tu via as mulher botavam vestido, sapato, elegante, hoje botam umas bermudinha nada a vê, eu sou homem, já começa por aí, na vestimenta, nem vô me aprofunda.

[...] Tinha as gurias mais atiradinhas e tinha as que não eram, tinha as mais de respeito e hoje em dia tu não pode dizer isso aí, hoje em dia tu não sabe. [...] Atiradinha é que fica com todo mundo. [...] homem é homem, olha o

preconceito [...] tu prefere ter um filho homem atiradinho ou uma filha atiradinha? Com certeza que um homem né?

Afonso expressou que seria ideal para ele que sua mulher ficasse em casa, lavando, cozinhando e limpando enquanto ele trabalhasse fora, mas como percebia que atualmente muitas mulheres não têm mais interesse em viverem dessa maneira, ele demonstrou sua inconformidade dizendo que: “[...] Não é, infelizmente não é bom pra mim, infelizmente não é, porque a mulher hoje ficou muito autoritária. Essa minha faz tudo o que o ela quer, a hora que ela bem quiser. Não é assim”.

Artur comentou que:

Eu era namorador bah, pra mim era número, quanto mais mulher pegasse pra mim melhor. [...] A primeira namorada tinha uns 14 anos [...] o homem se pegar duas, três mulher é bonito, a guria é diferente, acho que todo mundo pensa um pouco assim. Acho que isso vai continuar por vários e vários anos, a gente tá no ano 2016 e quase nada mudou perto de antigamente.

João falou sobre as mulheres o que segue:

Conheço um monte de mulher que não vale o prato que come porque tipo assim, conheço bastante mulheres que usam maconha e tu olha um dia tá com um, outro dia tá com outro, tá namorando o cara mas tá traindo. [...] Ela é mulher tinha que se dá valor [...] pode ser um pensamento antigo, mas fica mais feio pra mulher sai com um sai com outro. Pra mim é errado, mulher tem que se comportar melhor que o homem. [...] pra mulher fica feio não adianta, isso não vai mudar.

Observei que a maior parte dos réus foi criada em círculos familiares nos quais predominava a desigualdade entre os gêneros, se destacando o comando da casa pela figura paterna e a subserviência pelo lado materno. Embora independesse da vontade deles, os vínculos sociais nos quais estavam envolvidos formaram suas consciências voltadas para esse sistema representativo de dominação, hierarquizado e com relações de poder nas quais eles não tinham capacidade para intervir, mas apenas para introjetá-lo e compreendê-lo como válido para suas relações afora. Esse cenário demonstra claramente como costuma ocorrer a construção diferenciada das relações de gênero na vida de uma criança.

Os réus disseram que aprenderam os comportamentos atinentes às mulheres e aos homens na família e na vida em sociedade, que eles são difundidos por todas as pessoas e que sempre foi assim. Como se sentiam de certa forma, privilegiados, não consideravam essas ideias erradas. Demonstraram ter bastante preconceito em relação às mulheres, principalmente com aquelas, que nos seus pontos de vista, tinham atitudes que eles consideravam inadequadas para o próprio gênero.

Utilizando o conceito de Couto e Schraiber (2013, p. 54), os quais entendem machismo como: “[...] um sistema de ideias e valores que institui, reforça e legitima a dominação do homem sobre a mulher”, quando o confronto com as narrativas citadas, fica bem evidente o quanto a forma de pensar dos réus se enquadra nele ao terem emitido opiniões discriminando os comportamentos femininos, especialmente quando atribuíram à própria categoria masculina os mesmos atos e não os consideraram inadequados. **Fábio**, por exemplo, saiu de casa aos 15 anos e foi morar com uma menina mais velha de 18 anos, mas a filha dele só pode namorar aos 21 anos. Já os filhos dele namoraram com 16 e 17 anos, não recaindo sobre eles a mesma norma. O réu, para assegurar que a filha não vai transgredir as regras, mesmo sendo cadeirante, vai à escola cuidá-la e já correu a vassouradas um pretendente dela.

Para **Renato**, a menina namoradeira é “desleixada”, mas para o menino é normal porque faz parte da cultura.

Jorge disse que prefere ter um filho “atiradinho” do que uma filha que fica com todo mundo, afinal homem é homem, então pode se comportar assim.

Artur disse que é bonito para os homens ficarem com várias mulheres, usando a palavra “galinha” se referindo a eles como um adjetivo positivo. Já para a mulher que faz isso ele usou o mesmo termo, mas de forma ofensiva. Ele contou que era namorador, que mulher para ele era número no sentido de que quantas mais “pegasse” melhor era para ele. Acredita que todo mundo pensa assim. Quando **Artur** foi traído, espancou uma ex namorada e ameaçou matar outra, ou seja, esse comportamento, para ele, não compete às mulheres.

João considera errado uma mulher sair um dia com um homem e outro dia com outro, pois ela tem que se comportar melhor que homem. Conhece várias mulheres que, para ele, não valem o prato que comem por fazerem isso.

Essas formas de determinar o que é certo e errado para as categorias sociais, têm fundamentalmente um caráter sócio normativo, já que visam regular a vida das pessoas e podem ser pensadas a partir de Bourdieu quando ele escreve que (2005, p. 18): “O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes.”

Para Bourdieu (1989), o poder simbólico está incorporado nas instituições e nas relações sociais e por ser invisível, opera sutilmente no mundo social gerando representações e práticas que são amplamente difundidas e que acabam sendo aceitas e naturalizadas pelas próprias pessoas as quais elas pretendem sujeitar, o que o autor caracteriza como uma violência simbólica. Ao machismo e a sua permanência no campo social, pode ser atribuída

essa maneira de estruturação das normas dominantes, de tal forma que configuraram os gêneros ao longo do tempo, estipulando a cada um deles os seus devidos papéis.

Essa intolerância ao comportamento feminino, tido por inapropriado, é fruto de paradigmas conservadores e patriarcais que sempre cercaram o corpo feminino e que não passam de invenções sociais que foram constantemente repetidas através de um discurso masculino, visando a organização social que melhor lhe conviesse.

Historicamente o corpo feminino sempre foi controlado pelos próprios homens, desde a antiguidade, através de filósofos, médicos, juristas e da Igreja Católica, pois suas ideias influenciavam as sociedades. Para Foucault (1988, p. 67) a história da sexualidade, entre os séculos XVIII e XIX, ocorreu através de discursos produtores de verdades, porém sem neutralidade, eis que foram conduzidos por uma sociedade disciplinadora:

A "sexualidade" é o correlato dessa prática discursiva desenvolvida lentamente, que é a *scientia sexualis*. As características fundamentais dessa sexualidade não traduzem uma representação mais ou menos confundida pela ideologia, ou um desconhecimento induzido pelas interdições; correspondem às exigências funcionais do discurso que deve produzir sua verdade (grifos do autor).

Ainda para Foucault (1988), especialmente para o feminino, houve uma intervenção reguladora em nome da responsabilidade que as mulheres tinham no que diz respeito à saúde dos seus filhos, à solidez da instituição familiar e à salvação da sociedade.

Os réus em suas falas demonstraram que reproduziam o machismo aprendido desde a infância e não se furtaram de dizer que essas regras eram válidas para a maneira como criavam ou pretendiam criar os próprios filhos.

É ainda possível perceber através das falas dos réus que discursos bem semelhantes aos de sociedades passadas continuam presentes na atual, e perpassam a forma como nela são construídas as relações de gênero, tendo ainda capacidade para reforçarem o machismo e a sua reprodução na formação de muitos sujeitos, femininos e masculinos, desde pequenos. Na mesma medida também contribuem para a manutenção da dominação, da ideia de poder sobre o outro, do uso arbitrário da força física e conseqüentemente da violência sobre a mulher.

Conclusão

De geração em geração passou a ser ensinado às meninas e aos meninos que haviam comportamentos adequados para cada um deles. E assim foram sendo naturalizadas as relações de gênero. Neste sentido, procurei demonstrar que nascer com um corpo feminino é

um desafio em um mundo ainda dominado pelas mentes e corpos masculinos, mesmo que as mulheres já possuam uma forte atuação nas esferas sociais, políticas e econômicas, exercendo as mais variadas funções, como nunca antes puderam fazer.

No Brasil, a questão da violência doméstica levou o Estado a intervir nas práticas criminosas, a fim de punir os agressores, ainda que lentamente, haja vista que somente em agosto de 2006 foi criada a Lei Maria da Penha, uma legislação voltada especialmente para coibir a violência masculina.

A promulgação da referida lei, porém, não significou o fim de atos agressivos cometidos contra as mulheres. Justamente por observar que ainda acontecem muitos crimes voltados ao feminino, decidi realizar minha pesquisa com o objetivo de buscar conhecer o que alguns homens acusados de violência doméstica pensavam sobre esses atos e como os explicavam. Observei que a maior parte dos entrevistados era ciente de que não tinha mais essa permissão social e que podia ser responsabilizada penalmente. Penso que embora essa consciência se estenda a maioria dos homens, ainda assim, muitos agredem, perseguem, ameaçam e até matam.

Todos os réus que entrevistei, e assim deve ter acontecido com muitos outros homens, aprenderam desde pequenos, inclusive através do próprio contexto familiar, que mulheres e homens devem se comportar de maneiras diferentes, e que a sujeição feminina é uma regra difundida pela própria sociedade, de tal forma que para eles isso é algo natural por sempre ter sido assim. A violência poderia então ser atribuída como uma resposta à transgressão dessa norma, cabendo aos homens, como dominadores que sempre foram, ou que devem ser, puni-las a fim de restabelecer o *status quo*.

É preciso ainda deixar bem claro que este trabalho foi realizado com base em pontos de vista de 18 indivíduos imersos em fatos e circunstâncias diversas e que eles, sem dúvida, representam apenas uma parcela mínima de homens dentro de uma sociedade composta por milhares de tantos outros homens. Entretanto, ficou bem nítido através das narrativas, que as visões de vida dos réus foram construídas a partir de sua convivência em um universo social bem mais amplo, por ser assim, mesmo que o número de pessoas entrevistadas seja reduzido, a pesquisa pode mesmo assim conduzir a reflexões, claro que não definitivas, mas em certa medida importantes, já que diz muito a respeito da nossa atual sociedade, ainda machista, patriarcal e violenta em relação às mulheres.

Por fim, penso que além de punir agressores, é imprescindível e urgente uma mudança nos valores ainda vigentes a respeito das questões de gênero que prejudicam as mulheres.

Neste sentido, se faz necessária uma aplicação contundente de medidas educativas dentro das escolas, bem como a devida orientação por parte das mães e pais em relação aos seus filhos, a fim de contribuírem para o fim da cultura da dominação masculina e para a efetiva equidade entre os gêneros.

Fontes utilizadas

Fontes orais: 18 entrevistas com réus julgados em ações penais, os quais não podem ser identificados com seus nomes reais por uma questão ética, uma vez que as ações tramitam em segredo de justiça.

Fontes documentais: 18 processos referentes às ações penais dos réus entrevistados, os quais também não podem ser identificados em razão do segredo de justiça.

Todas as informações relativas aos dados referentes aos réus e aos seus processos estão sob a guarda da pesquisadora, conforme é explicado no texto da dissertação.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COUTO, Márcia Thereza; SCHRAIBER, Lilia Blima. Machismo hoje no Brasil: uma análise de gênero das percepções dos homens e das mulheres. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (orgs.). **Mulheres brasileiras e gênero no espaço público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**. V. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13 ed. edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. São Paulo: Paz e terra. 1993.

LAGARDE, Marcela. **Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. 4. ed. Ciudad del México: UNAM, 2005.

MADUREIRA, Alexandra Bittencourt.; RAIMONDO, Maria Lúcia; FERRAZ, Maria Isabel Raimondo; MARCOVICZ, Gabriele de Vargas Marcovicz; LABRONICI, Liliana Maria; MANTOVANI, Maria de Fátima Mantovani. Perfil de homens autores de violência contra mulheres detidos em flagrante: contribuições para o enfrentamento. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, V. 18, N. 4, 2014, p. 600-606.

RIFIOTIS, Theophilos. Violência, Justiça e Direitos Humanos: reflexões sobre a judicialização das relações sociais no campo da “violência de gênero”. **Cadernos Pagu**, v. 45, 2015, p. 261-295.

SAFFIOTI, Heleith. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: OLIVEIRA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 183-215.

SAFFIOTI, Heleith, Violência doméstica ou a lógica do galinheiro. In: KUPSTAS, M. (Org.). **Violência em debate**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 39-57.

SCHRAIBER, Lilia Blima; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Lucas; FALCÃO, Marcia Thereza Couto; FIGUEIREDO, Wagner dos Santos. **Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos**. São Paulo: Unesp, 2005.

TAVARES, Gislaine Pereira; ALMEIDA, Rosa Maria Martins. Violência, dependência química e transtornos mentais em presidiários. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 4, 2010, p. 545-552.